



Rio debate o pré-sal

Os desafios do pré-sal, as novas tecnologias e os investimentos que serão feitos para a exploração do petróleo desta região foram o foco do primeiro congresso Pré-Sal Brasil 2010, realizado no Rio de Janeiro, reunindo empresas e organizações do setor de óleo e gás. por **Maria Fernanda Romero e Rodrigo Miguez**

Segundo **Heller Redo Barroso**, do escritório Heller Redo Barroso Advogados, que presidiu a mesa do primeiro congresso Pré-Sal Brasil 2010, muitas companhias estão investindo no Brasil e a tendência é que esse número cresça ainda mais. “Com a descoberta do petróleo na camada pré-sal, empresas de todo o mundo estão se instalando no país, inclusive companhias de países que nunca investiram no Brasil”, afirmou o advogado.

Para se ter uma ideia do volume de investimentos, a Petrobras já



tem em sua programação para atender à indústria a compra de 500 árvores de natal molhadas (ANM), 30 manifolds, além de 23 outros projetos que estão em desenvolvimento pela empresa. Além da Petrobras, a National Oilwell Varco (NOV) anunciou que vai construir uma fábrica no Nordeste.

Durante a mesa de abertura do evento, o secretário de estado de Desenvolvimento do Espírito Santo (Sedes), **Márcio Félix**, falou da gui-

nada que o estado deu nos últimos anos, passando a ser o segundo maior exportador de petróleo do país, com expectativa de chegar a 300 mil barris por dia ainda este ano. Ele lembrou ainda que a primeira produção do pré-sal foi feita em 2008, no campo de Jubarte, no litoral sul do Espírito Santo.

Além disso, o estado produz 15 milhões de m³ de gás por dia, fornecendo o produto por meio do Gasoduto da Integração Nordeste-Sudeste (Gasene) para



estas regiões do país. Dentre os investimentos que estão sendo feitos no setor estão o terminal de apoio às atividades offshore da Petrobras em Anchieta, no valor de R\$ 800 milhões, e a base de apoio multi-cliente para o setor metalmeccânico marítimo em Vila Velha, onde serão desembolsados R\$ 300 milhões.

Além disso, Félix salientou a questão dos royalties do pré-sal no Espírito Santo, dizendo que o desenvolvimento capixaba não é lastreado pelas participações go-

vernamentais. Ele apresentou aos participantes do evento o Fundo para Redução das Desigualdades Regionais e o Fundo Estadual de Recursos Hídricos (Fundágua). “Essas formas pioneiras de aplicação dos recursos distribuem a riqueza e disseminam o desenvolvimento, fazendo com que todos os municípios capixabas se sintam produtores”, explicou.

O secretário explicou que o Fundo para Redução das Desigualdades Regionais transfere aos mu-

nicipios 30% do produto da arrecadação proveniente da compensação financeira dos royalties do petróleo e gás natural. Já o Fundágua inclui um programa de pagamento por serviços ambientais, com recursos provenientes dos royalties do petróleo e compensações do setor hidrelétrico.

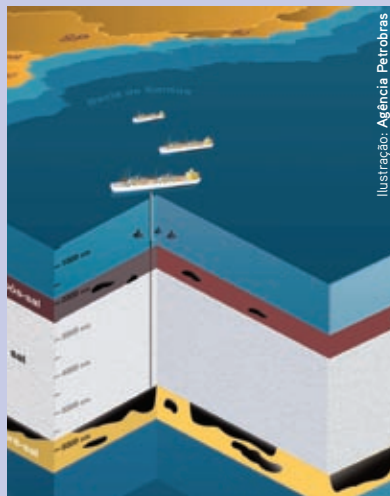
O episódio do desastre ambiental no Golfo do México, quando foram despejados no mar milhões de litros de petróleo após a explosão de uma plataforma da British

BNDES e CEF serão os principais canais federais de financiamento do pré-sal

PARA TRATAR DA QUESTÃO do financiamento na camada pré-sal, representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) e da Caixa Econômica Federal (CEF) estiveram presentes no evento e indicaram que serão os principais canais federais de financiamento da cadeia produtiva do pré-sal.

Os bancos devem mapear as necessidades dos fornecedores da Petrobras e propor soluções financeiras. Ao apresentar o apoio do BNDES ao segmento de petróleo e gás, Wagner Bittencourt, diretor de Infraestrutura do banco, apontou R\$ 340 bilhões em investimentos só no setor, e lembrou a criação de um núcleo específico para óleo e gás, unificando as operações do banco para o segmento.

Bittencourt destacou que a capacidade de produção do setor precisa realmente aumentar, mas não se pode esquecer da competitividade e do conteúdo nacional, que, segundo ele, são questões importantíssimas para a indústria brasileira. Mas, o que surpreendeu, de fato, foi a entrada da Caixa, financiadora de pessoas físicas, na estratégia financeira para o pré-sal. Apesar do crédito habitacional ser um dos focos da CEF, pouco se fala de sua atuação em cadeias de valores como financiamento a empresas da constru-



ção civil e do setor de saneamento. “A partir de um pedido do ministro Guido Mantega, começamos a estruturar uma ideia que já havia circulado internamente, que era a de criar uma superintendência para Petróleo e Gás”, revelou Julio Cesar Costa, gerente de negócios da CEF.

Segundo o executivo, a recém-criada divisão da Caixa ganhou o nome de Superintendência Petrobras/BNDES e terá como função adotar parcerias estratégicas que viabilizem a cadeia produtiva. “Criamos um grupo de trabalho em conjunto com Petrobras e BNDES para mapear as necessidades dos fornecedores da estatal e propor soluções financeiras”, afirmou Costa.

Dentre elas, a busca por financiamento no mercado de capitais (nacional e internacional), o estreitamento de parcerias com entidades como Abimaq (Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos) ou Sinaval (Sindicato da Construção Naval), um convênio com o Fundo de Marinha Mercante (FMM) e até mesmo a utilização de Fundos de Investimentos de terceiros. Em parceria com o banco Modal, a CEF administrará um Fundo de Investimento e Participação (FIP) – uma espécie de private equity – para alavancar companhias do setor. A ideia é investir uma média de R\$ 50 milhões a R\$ 100 milhões por empresa, adquirindo de 20% a 35% de participação nas empresas que estejam dentro do perfil para o private equity.

Outra medida da Caixa é um novo modelo de aprovação de crédito baseado no cadastro que a Petrobras faz de potenciais fornecedores. “Para que uma empresa preste serviço à Petrobras, ela precisa cumprir uma série de exigências. Nos utilizaremos deste cadastro e aplicaremos um *rating*, com o objetivo de dar maior flexibilidade e agilidade na aprovação de crédito”, explicou Costa. O setor deve investir R\$ 340 bilhões somente no triênio 2010-2013. O BNDES deve financiar ou estruturar 60% disto.



Petroleum (BP), foi muito lembrado por todos os participantes. A segurança nas plataformas que irão explorar os campos do pré-sal é fundamental, principalmente devido à distância de 300 km da costa onde estão localizadas as reservas, o que dificulta ações preventivas em caso de acidente.

O deputado Brizola Neto ressaltou a importância de o Brasil ter mecanismos de segurança para evitar desastres como esse. Já **Armando Guedes**, presidente do conselho empresarial de energia da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), lembrou que o investimento em treinamento é essencial. "É muito importante que haja programas de treinamento constantes, pois nessa área de óleo e gás não pode ter erros", afirmou.

Presente no Brasil há quase um ano, a Aveva, um dos principais fornecedores mundiais de engenharia de projeto e soluções de ge-

renciamento de informações para plantas de energia, indústria naval e marítima, também participou do evento e afirmou que pretende abrir outros escritórios no país até o final deste ano.

Segundo o consultor de negócios da empresa, Dennis Coli, a Aveva veio ao país não só pela descoberta do pré-sal, mas também por interesses estratégicos em mineração e plantas de refino. O executivo revelou que a empresa, que possui escritório no Rio de Janeiro há quase um ano, pretende abrir outros até o final de 2010.

"Queremos abrir outros escritórios em São Paulo e um no Nordeste. Não definimos ainda em que lugar do Nordeste, mas provavelmente em Recife, Natal ou Salvador", apontou.



Também atenta a toda movimentação de óleo e gás no Brasil, a GE Oil & Gas, fornecedora de equipamentos e serviços de alta tecnologia para a indústria do setor, que planeja expandir sua rede de pesquisa global, revelou que irá investir cerca de US\$ 200 milhões em um centro de tecnologia e pesquisa, focado inicialmente em óleo e gás, no Brasil.

A unidade será a primeira da empresa na América Latina, que já conta com quatro centros ao redor do mundo (Global Research Center, GRC, em inglês) nos Estados Unidos, Alemanha, Índia e China. De acordo com Fernando Martins, vice-presidente da GE Oil & Gas para a América Latina, o novo centro, que contará com aproximadamente 300 engenheiros, ainda não tem local definido, mas indicou Minas Gerais, Campinas (SP) e Rio de Janeiro como algumas possibilidades para a instalação. ■



TN Petróleo no Twitter. Siga-nos em <http://twitter.com/tnpetroleo>